

A Gravura Procura Sentidos

Seu olhar voltado para cima contempla agora as nuvens vagantes e as colinas nebulosas dos bosques. Seu eu também está ao revés nos elementos: o fogo celeste, o ar que corre, a água que berça e a terra que sustenta. Seria isso a natureza? Mas nada do que ele vê existe na natureza: o sol não se põe, o mar não tem aquela cor, as formas não são as que a luz projeta na retina. Com movimentos in naturais das articulações ele flutua entre espectros; lastros humanos em posições in naturais deslocando seu peso desfrutam não o vento mas a abstração geométrica de um ângulo entre o vento e a inclinação de um maquinismo artificial, e assim resvalam na pele lisa do mar. A natureza não existe? (Palomar, Italo Calvino)

Tal como faz o senhor Palomar, protagonista do último livro de Italo Calvino, a obra de alguns artistas contemporâneos funciona como um telescópio invertido, não se dirigindo à amplidão do espaço, mas trazendo um sentido de amplitude para as pequenezas do cotidiano, enxergando em cada minúcia, em cada detalhe e objeto, a lógica do funcionamento de toda a natureza, de toda a vida.

Em um trabalho de parceria, compartilhando ateliê e tantos projetos, Cris Rocha e Kika Levy buscam um sentido de natureza particular, seguindo seus traços, seus gestos, suas matérias. De fato, Cris e Kika trabalham há muito tempo juntas e tem se firmado na cena contemporânea como artistas dedicadas à articulação precisa e apaixonada pelos processos da gravura.

Se no panorama da arte moderna, que toma corpo com as vanguardas, a ignição que ativou a produção artística durante um século foi a busca do novo, podemos dizer que a arte contemporânea vive de uma procura de sentidos para si mesma e para o mundo.

A prática artística passa a assumir-se como um projeto de negociação incessante com os acontecimentos e percepções da vida, incorporando-a e comentando-a em suas grandeszas e pequenezas, em seus lugares de pertencimento tanto quanto potenciais de perturbamento, em suas banalidades e seus afetos.

Artistas contemporâneos buscam um sentido, que pode incorporar as preocupações formais que são intrínsecas à arte e que se sofisticaram no desenvolvimento dos projetos modernos, mas que finca seus valores na compreensão (e apreensão) da realidade, infiltrada na passagem do tempo e na formatação da memória, na constituição dos territórios que constituem e legitimam a vida, nos meandros da história, da política e das micropolíticas, nas vias do corpo, na natureza e na paisagem urbana, nas tramas da afetividade.

Ao invés da inovação absoluta, a tônica está na renegociação com a própria história. O novo se concilia com o antigo e a tradição é incorporada, problematizada.

A obra de Cris e Kika espelha e reflete esse pensamento. A historicidade do trabalho aqui se impõe na tradição do metal e na densidade de imagens matizadas em paisagens da história da arte ocidental, desde o século XIV. Na pintura do artista flamengo, Jan van Eyck (1390-1441), uma das referências dos artistas para a exposição, tons terrosos e azuis amplificaram a noção de espaço, criando vãos entre terra e céu, chão e mar.

A partir daí, desenham-se cartografias próprias. O alfabeto visual de Cris Rocha se configura preponderantemente a partir de um desejo de liberdade; um desejo quase corporal de tatear e expandir os limites que o papel impõe ao peso da mão, dos cortes, das incisões.

A obra dessa artista se materializa justamente sobre a história do traço, as passagens da cor, as negociações com o papel, que ora resiste às investidas das experiências, ora se desgasta e se anula. Seus trabalhos são possibilidades de existência, embates entre vida e morte, mesmo que suas formas possam ter contornos reconhecíveis esboçando simples sinos ou funis.

Kika Levy constrói mundos de sutilezas. Sua busca de sentido se constitui sobretudo na aproximação com a essência, com o prumo, com a espinha dorsal de todas as coisas.

Essa procura se traduz, por exemplo, na estrutura dos icosaedros. Assim está presente também no desenho perfeitamente detalhado das texturas de folhas e flores, na espantosa e misteriosa precisão das formas brotadas da natureza.

Para se aproximar ao máximo e assumir um corpo a corpo com essas estruturas, olhos e mãos se equipam com as intenções minuciosas de lupas e de microscópios. Eis a estratégia da artista: nutrir-se de delicadeza e exatidão.

Mergulhando nas entranhas da gravura, Cris e Kika bordaram chapas metálicas com sinais de desejo de memória, encantamento com a história e um sutil e revigorante toque de subversão.

Katia Canton